

**CENAS DE MODERNIZAÇÃO URBANA NO SERTÃO DA BAHIA: A CONSTRUÇÃO DA AVENIDA ORLANDO OLIVEIRA PIRES (JACOBINA – BAHIA – 1955-1959)<sup>1</sup>**Edson Silva<sup>2</sup>**RESUMO**

Em meados dos anos de 1950, a cidade de Jacobina passou por um processo de modernização, demarcando uma ruptura na história urbana jacobinense. Durante a gestão municipal do engenheiro agrônomo Orlando Oliveira Pires (1955-1959), foram desenvolvidas obras de pavimentação, saneamento e asseio, a implantação do serviço de água encanada, a ampliação do serviço de energia elétrica e a edificação de uma praça de esporte e lazer. Utilizando de fontes como textos jornalísticos, documentos administrativos, leis municipais, fotografias, Código de Posturas, livro de atas da Câmara Municipal e textos memorialísticos, ao longo desse artigo, procuramos descrever e examinar uma das principais obras de modernização urbana executadas na cidade naquele contexto - a construção da Avenida Orlando Oliveira Pires.

Palavras-chave: cidade; modernização; Jacobina.

**ABSTRACT**

In the middle of the 1950s, the town of Jacobina experienced a process of modernization, which demarcated a breakaway in Jacobina's urban history. During the municipal management of the agricultural engineer Orlando Oliveira Pires (1955-1959), it was developed building works of paving, sanitation and neatness, the establishment of plumbing services, the amplification of electricity services and the building of a sport and leisure square. Making use of sources like newspapers' texts, administrative documents, municipal laws, municipal code of conduct, the town

---

<sup>1</sup> O presente texto é uma versão com alguns acréscimos e modificações de parte de um capítulo da dissertação de mestrado intitulada *"Modernização, sanitário e cotidiano (Jacobina – BA 1955-1959)"* defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (2015). A pesquisa contou com o financiamento da Coordenação de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>2</sup> Professor de História da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

council minute books and memory texts, though this article, we aim at describing and examining one of the principal building works of urban modernization executed in the town in that context – the building of the Orlando Oliveira Pires Avenue.

Keywords: town; modernization; Jacobina.

## INTRODUÇÃO

Na década de 1950, o território urbano de Jacobina<sup>3</sup> passou por uma série de transformações urbanísticas. Naqueles anos assumiu a gestão da cidade o engenheiro agrônomo Orlando Oliveira Pires. Sua administração foi marcada por um conjunto de intervenções urbanas, inaugurando uma nova paisagem e materialidade nas ruas de Jacobina. O jornal *Vanguarda*, periódico em circulação na cidade, em artigos e notas, produziu uma imagem positiva do gestor municipal e uma representação da história de Jacobina. A partir do periódico, articulista e editores elaboraram uma narrativa em que demarcavam aquele momento da gestão de Orlando Oliveira Pires como um corte em relação às gestões precedentes. Assim, promovia-se a imagem do alcaide como um sujeito operoso e dinâmico, capaz de imprimir uma nova racionalidade sobre o espaço urbano – transformando Jacobina numa cidade “moderna”, “civilizada” e inserindo-a no caminho do cultuado “progresso”. Inventava-se também uma representação da história urbana de Jacobina, definindo dois momentos, o passado da cidade como “decadente”, “estagnado” e de “inércia”, e aquele momento presente, no qual a urbe passava a trilhar o “desenvolvimento” e o “progresso”. O receio era de que a cidade permanecesse em estado de “decadência” e “estagnação”.

Dentre as realizações da administração municipal do engenheiro agrônomo Orlando Oliveira Pires, a construção de uma grande avenida, logo batizada com o nome do prefeito, talvez tenha sido a grande obra de intervenção urbanística de modernização da cidade - uma via de circulação que transformou a paisagem da

---

<sup>3</sup> Jacobina é uma cidade baiana situada geograficamente na região denominada de Piemonte Norte da Chapada Diamantina, distante 330 quilômetros da capital do estado, Salvador. Foi emancipada em 1880 com o nome de “Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina”. A formação do núcleo urbano, que de vila veio a se constituir como cidade, esteve ligada à introdução dos currais de gado (séc. XVII) nos sertões baianos e à descoberta de ouro nas serras adjacentes, que atraiu emigrantes de diversos lugares em busca do minério.

cidade e a vida urbana. Quanto à mudança de nome da Av. Beira-Rio para Av. Orlando Oliveira Pires, ela foi proposta através do projeto de lei N° 89 de 1955, de autoria do vereador Joaquim Bispo dos Santos. Em discussão feita na Câmara de Vereadores na sessão do dia 20 de outubro de 1955, o vereador Ubaldino Mesquita Passos manifestou-se contra, argumentando que o prefeito não era digno de tal merecimento. O projeto acabou sendo aprovado em última discussão na sessão do dia 26 de outubro de 1955, com dois votos contrários, dos vereadores Nilson Valois Coutinho e Ubaldino Mesquita Passos.<sup>4</sup>

### **A CONSTRUÇÃO DA AVENIDA ORLANDO OLIVEIRA PIRES (1955-1959)**

No decurso do texto, examinamos a construção da Avenida Orlando Oliveira Pires e o processo de vendas e doações de lotes à sua margem. Talvez uma das obras mais importantes da citada gestão municipal, a nova via que transformou o cenário urbano foi dotada de um conjunto de elementos urbanísticos que serviram para demarcar um espaço de moradia privilegiado na cidade. Desse modo, entendemos as intervenções urbanísticas e os mecanismos de disciplinamento enquanto dispositivos funcionais de uma estratégia de gestão da cidade pautada naqueles anos. Sob tal ponto de vista, consideramos as obras de modernização e as representações produzidas em torno das modificações urbanas, identificadas através de fotografias e textos, enquanto uma estratégia de produção e gestão do espaço urbano.<sup>5</sup>

Em Jacobina, pelo que sabemos, na construção da Avenida Orlando Oliveira Pires não houve um bota-abixo de casarões antigos, como nas reformas urbanas de Paris, Rio de Janeiro e Salvador (OLIVEIRA, 2009, p. 42). Em 1954, uma lei de autoria do prefeito municipal, João Batista Freitas de Matos, determinava a desapropriação de terrenos e imóveis, assim como a suspensão dos contratos de aforamento e aprovava

---

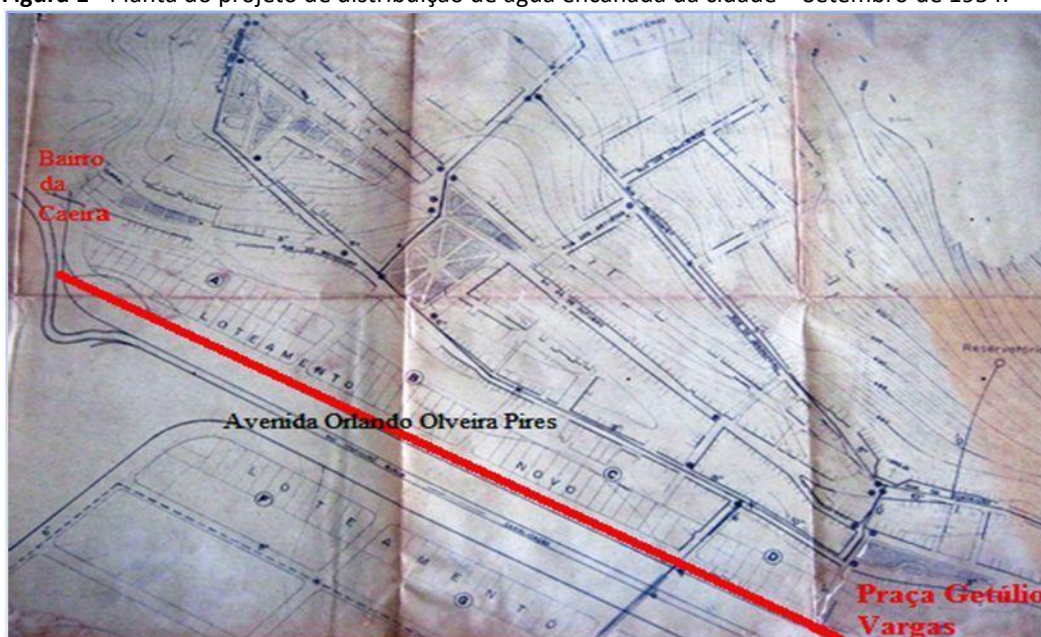
<sup>4</sup> Livro de Atas N° 2 da Câmara de Vereadores de Jacobina. De 05/12/1948 A 24/11/1955, pp. 194-197. APMJ. Lei N° 53-55 de 26 de outubro de 1955 - A Câmara Municipal de Vereadores de Jacobina – DECRETA: Art. 1°. Denominar-se-á Avenida Dr. Orlando Oliveira Pires, a atual Avenida Beira-Rio. (...). Livros de Registro de Leis de 1955 a 1967, p. 2. APMJ.

<sup>5</sup> Analisamos as práticas de modernização da cidade desenvolvidas naqueles anos enquanto uma estratégia, no sentido elaborado por Michel de Certeau. Conforme o autor, as estratégias são concebidas a partir de um lugar, partilham de um objetivo, procuram organizar e administrar um espaço – produzindo uma ordem. “Chamo de *estratégia* o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado”. (Cf. CERTEAU, 1998, p. 99).

o Plano de Loteamento da Avenida Beira-Rio. Estipulava ainda que as novas construções deviam seguir os regulamentos do Código de Posturas e as leis urbanísticas do município.<sup>6</sup> O Código de Posturas, por sua vez, definia que as novas ruas que fossem abertas ou passadas por melhoramentos deviam ter o mínimo de 12 metros de largura, e as travessas, 8 metros.<sup>7</sup> Já as casas não poderiam ter degraus, escadas, varandas ou demais obstáculos que pudessem prejudicar o trânsito e a estética da cidade, sob pena de multa.<sup>8</sup>

No ano seguinte (1955), na gestão de Orlando Oliveira Pires, o projeto da citada avenida e do loteamento começou a ser materializado. Tendo em vista a execução do plano de modernização da cidade empreendido pelo gestor, foi publicado o edital de rescisão dos antigos contratos de aforamento na região.<sup>9</sup> A nova via urbana aberta interligava o centro da cidade, começando na região próxima da Praça Getúlio Vargas, espaço da feira livre, e avançando em linha reta até ao incipiente bairro da Caieira. Vejamos, adiante, uma planta da cidade da época, em que aparece o trecho da avenida com a área do loteamento à sua margem:

**Figura 1** - Planta do projeto de distribuição de água encanada da cidade – Setembro de 1954.



Fonte: Acervo: Poder Executivo. Fundo: Gabinete do Prefeito. Grupo: Habitação e Urbanismo. Datas-Limites: 1975-1993. Notação: Plantas Diversas. Caixa:707. APMJ.). As adaptações do mapa foram feitas pelo autor do trabalho.

<sup>6</sup> Lei N.80, de 12 de abril de 1954. Acervo: Poder Legislativo. Fundo: Câmara de Vereadores. Caixa: 81. APMJ.

<sup>7</sup> Código de Posturas da Cidade, 1933. Art. 92, p. 11

<sup>8</sup> Código de Posturas da Cidade, 1933. Art. 93, p. 11

<sup>9</sup> Prefeitura Municipal de Jacobina. Edital. 24. Vanguarda, 21/08/1955. Nº 306, p. 3.

Ainda em 1955, começou a ser feito o oferecimento público dos terrenos para construções à margem da futura avenida.<sup>10</sup> Através do decreto Nº 42, o prefeito fazia uma série de exigências para se construir na região, e dava vantagens para os antigos foreiros. Dentre as determinações do referido decreto, para as construções e aquisição dos terrenos, havia a estipulação do valor do metro quadrado do lote (Cr\$ 10,00 por metro quadrado); o prazo para construção (3 meses a partir da data do contrato do aforamento), sendo quebrado o contrato do foro caso não fossem iniciadas as obras nesse prazo, em prejuízo do foreiro; a forma de pagamento, que deveria ser feito em duas parcelas iguais, a primeira quando do contrato firmado e a segunda até o último dia daquele exercício.<sup>11</sup> Esse aspecto do tempo determinado para conclusão das obras para os adquirentes dos terrenos foi observado pelo memorialista Amado Honorato de Oliveira. Este, na sua série de textos chamados de “Reminiscências Administrativas”, escreveu sobre a administração de Orlando Oliveira Pires:

Executou o Projeto BEIRA-RIO, (hoje Orlando Oliveira Pires) dinamizando-o rapidamente, pois os interessados tiveram que aceitar um tempo pré-determinado para o início e o término de suas construções.<sup>12</sup>

Essas condições, de certa forma, anunciavam o perfil dos usuários dos terrenos que iriam construir imóveis à margem da nova avenida. A forma de pagamento e o prazo para construção eram exigências que limitavam a aquisição e a execução das obras, condições que favoreciam a quem tinha capital para construir em tão pouco tempo.

Com isso, alguns indícios apontam para uma estratégia de valorização do espaço urbano em torno da nova avenida, com investimento em infraestrutura e embelezamento. Uma das primeiras medidas acerca da avenida, tomadas pelo prefeito, se deu no sentido de arborizá-la. Em nota do jornal *Vanguarda*, publicada na primeira página, era apresentada a novidade:

---

<sup>10</sup> Sobre a oferta de aforamento dos terrenos à margem da Avenida Beira Rio, ver EDITAL N.24 e as notas da prefeitura municipal de Jacobina publicadas no jornal *Vanguarda*, respectivamente nas edições de 21/08/1955. Nº 306.p.3; 16/10/1955. Nº314.p.4 e 12/12/1955. Nº 323, p. 4.

<sup>11</sup> Prefeitura Municipal de Jacobina - Decreto 42. *Vanguarda*, 21/08/1955. Nº 306, p. 3.

<sup>12</sup>Cf. OLIVEIRA, Amado Honorato de. “Um administrador inatacável – (Reminiscências administrativas)”. In: *Contos e crônicas* s.n.t. (Impresso encadernado).

### **A Avenida Beira-Rio Será Arborizada Com Acácia**

A Prefeitura Municipal vai arborizar a futura Avenida Beira-Rio, com Acácia.

Para êste (sic) fim foram adquiridos e já se encontram aqui várias mudas daquela bonita planta.<sup>13</sup>

As árvores plantadas em torno da Avenida Orlando Oliveira Pires assinalam para a preocupação com a presença do verde na cidade, proporcionando um ar puro, ou seja, que funcionasse como pulmões urbanos. A arborização acompanhava, nesse sentido, o movimento desenvolvido na cidade por médicos, jornalistas e gestor municipal de purificação e limpeza das vias urbanas, desejava-se cada vez mais um ambiente urbano saneado e limpo. Por outro lado, a criação de uma área verde cumpria também uma função estética, o embelezamento da avenida. Desse modo, o prefeito desenvolvia em torno do empreendimento uma estratégia de valorização daquele espaço. Estruturando e embelezando a artéria urbana, ele enobrecia a região. Eram benfeitorias que estimulavam os terrenos do loteamento e as novas edificações, privilegiando os proprietários.

Outro aspecto concernente ao melhoramento e, conseqüentemente, à valorização do espaço de construção da Avenida Orlando Oliveira Pires era a edificação do cais de proteção do rio Itapicuru-Mirim, que margeava o trecho da nova artéria urbana. Os trabalhos de construção do cais foram iniciados no começo do ano de 1955,<sup>14</sup> pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento. No entanto, foram paralisados no ano seguinte. Em nota, o jornal *Vanguarda* informava a seus leitores que, por conta da alta do salário mínimo, os trabalhos tinham sido interrompidos pelo engenheiro responsável pela obra.<sup>15</sup>

Em virtude da paralisação das obras do cais, os representantes políticos locais buscaram junto a instituições federais, de diversas formas, recursos financeiros para a

---

<sup>13</sup> VANGUARDA, 21/08/1955. N° 306, p. 1.

<sup>14</sup> VANGUARDA, 24/04/1955. N° 289, p. 4.

<sup>15</sup> VANGUARDA, 10/11/1956. N° 369, p. 1.

sua continuação e término.<sup>16</sup> Em dezembro de 1957, na primeira página da edição 422, o *Vanguarda* noticiava:

#### **Reiniciadas as Obras do Cais de Proteção do Rio Itapicuru**

Foram reiniciadas no dia 9 deste mês as obras do cais de proteção do Rio Itapicuru-Mirim, nesta cidade, que, há mais de um ano, se encontravam paralizadas. (sic)

Desta feita, os trabalhos de construção do cais estão sendo feitos pela empresa Construtora Sudoeste Ltda., sediada na capital do Estado, sob a responsabilidade técnica do eng<sup>o</sup>. Gabriel Barreto de Almeida e administrados pelo sr. Humberto Fraga Barreto.<sup>17</sup>

A busca pela conclusão da citada obra devia-se, entre os motivos, ser um melhoramento estratégico no conjunto das obras à margem da avenida, que valorizariam ainda mais o espaço. Não era apenas uma obra de engenharia urbana que, de ordem prática, protegeria as novas residências contra as enchentes do rio Itapicuru-Mirim. Depois de concluída, ao lado do cais foi feita uma calçada, que podia servir de espaço de observação à margem do rio. Talvez um ambiente de passeios e momentos de lazer.

De acordo com texto publicado no *Vanguarda*, a empresa responsável pela construção do cais do Rio Itapicuru entregou a obra pronta em maio de 1958. O texto anunciava ainda que a empresa construtora (Construtora Sudoeste Ltda.) iniciava a edificação de outro cais na cidade:

...já deu início à escavação do leito do Rio do Ouro para a construção do novo cais que terá mais um metro de profundidade, evitando, dêste modo, os seus periódicos transbordamentos e emprestando mais beleza à Praça Castro Alves que lhe fica à margem esquerda.<sup>18</sup>

Contudo, a transformação da paisagem daquele espaço, que seria o mais novo logradouro da urbe, não ficava restrita a esse aspecto: a retificação do leito do rio Itapicuru-Mirim, que tinha o percurso sinuoso, também fora feita naqueles anos. De

<sup>16</sup> Ver as edições do jornal *Vanguarda* de 29/10/1955. N° 316. p.1 (O Trabalho do Dep. Manuel Novais Em Prol de Jacobina) e 08/12/1956. N° 373, p. 1 (Seis Milhões de Cruzeiros Para a Ponte e os Cais dos Rios Itapicuru e do Ouro).

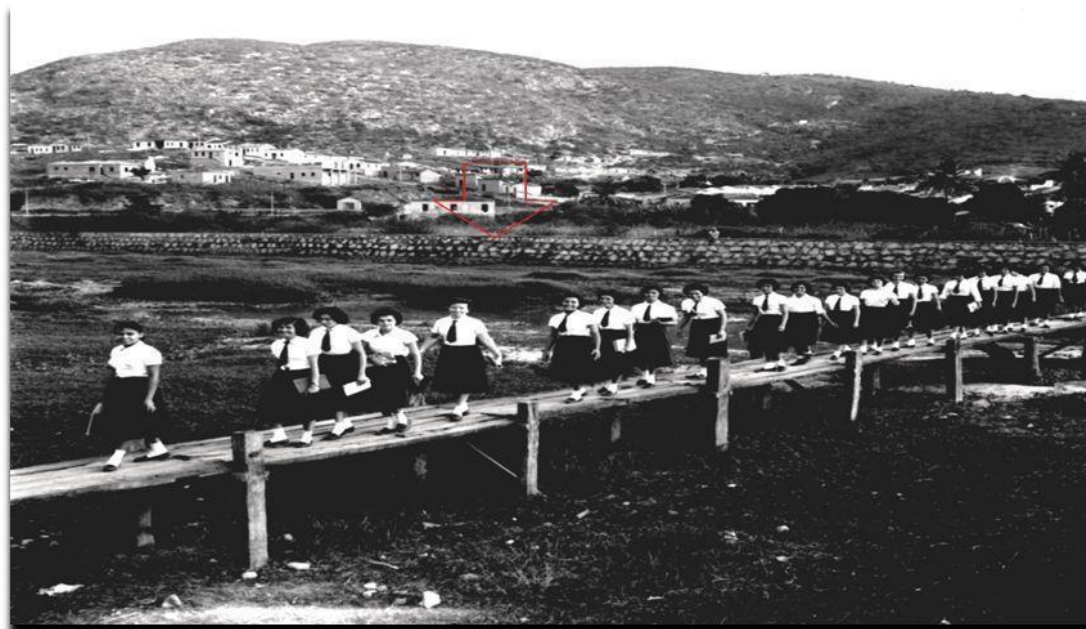
<sup>17</sup> VANGUARDA, 14/12/1957. N° 422 p. 1.

<sup>18</sup> A Conclusão do Cais do Rio Itapicuru e o Início da Construção dos Cais do Rio do Ouro. *Vanguarda*, 24/05/1958. N° 445, p. 1



tal modo, modificava-se a geografia do rio, transformado em canais retilíneos – a topografia natural não era bem vista pelo gestor, para a imagem de cidade que desejava para Jacobina.<sup>19</sup>

**Figura 2** - Estudantes atravessando a ponte de madeira chamada de Pinguela; no fundo da cena, o cais em construção à margem da Avenida Orlando Oliveira Pires, década 1950.



Fonte: Fotografia de Osmar Micucci (Acervo Osmar Micucci – NECC/UNEB-CAMPUS IV).

O fotógrafo Osmar Micucci, em 1956, registrou pela objetiva de sua câmera fotográfica as obras de construção da Avenida Orlando Oliveira Pires, das novas residências e do cais. A produção fotográfica do jacobinense Osmar Micucci sobre a cidade, neste período de recorte da pesquisa, registrou as modificações urbanas ocorridas durante a gestão municipal do prefeito Orlando Oliveira Pires (1955-1959) e cenas do cotidiano das ruas de Jacobina. Sua narrativa visual, elaborada pela seleção de cenas daquela cidade, é composta de uma série extensa de fotografias. Assim, registrou as novas edificações construídas na cidade e o cenário das ruas sendo modificado com as obras de modernização desenvolvida pelas gestões municipais; como práticas da população urbana, como a lavagem de roupas e banhos nos rios, procissões religiosas e festejos profanos (micareta, desfiles cívicos). Osmar Micucci tinha seu estúdio particular, onde prestava serviços como “revelações, cópias e

<sup>19</sup> Cf. Decreto N. 42. Vanguarda, 21/08/1955. Nº 306, p. 3



ampliações”<sup>20</sup> e vendia “artigos fotográficos, máquinas, filmes, papéis, álbuns”<sup>21</sup>; além disso, atuava como fotógrafo social da cidade, especializado em registro de “casamento, batizados, aniversários, instantâneos de crianças e familiares”.<sup>22</sup> Registrou as obras de modernização urbana da gestão de Orlando Oliveira Pires e, a partir de 1959, passou a trabalhar como fotógrafo oficial da gestão do médico Florivaldo Barberino (1959-1963). Produziu uma espécie de imagem oficial da administração. Característica marcante nessa sua atividade era fotografar antes e depois os espaços de intervenção urbana, empreendida pela gestão municipal, produzindo um contraste entre as duas cenas, para compor a imagem oficial do prefeito modernizando a cidade. As fotografias eram expostas nos murais da prefeitura municipal (Oliveira, 2007). Vejamos a fotografia abaixo:

**Figura 3-** Avenida Orlando Oliveira Pires, em construção, em 1956



Fonte: Fotografia de Osmar Micucci (Acervo:Osmar Micucci/NECC/UNEB – CAMPUS IV).

Na cena registrada, há poucas nuvens, e não há trabalhadores nas obras da avenida e nem do cais (provavelmente paralisadas nessa data). Num primeiro olhar, destaca-se o ângulo da imagem: a abertura configurada pelo fotógrafo produziu um efeito de grandiosidade da avenida. A fotografia nos apresenta um espaço em construção, com as obras do novo logradouro, do cais e das novas residências. Temos

<sup>20</sup> Vanguarda, 31/03/1960. Nº 500, p. 3

<sup>21</sup> Vanguarda, 31/03/1960. Nº 500, p. 3

<sup>22</sup> Vanguarda, 31/03/1960. Nº 500, p. 3

uma visão de que o trajeto da avenida tornou-se um canteiro de obras. Pelo distanciamento da cena registrada, o fotógrafo ajustou a máquina visando produzir uma imagem em perspectiva. A escolha do foco, longe de ser uma relação objetiva de registro do espaço, está situada no campo da subjetividade. Nesse sentido, concordamos com Susan Sontag, quando destacou a questão da subjetividade na produção do registro fotográfico:

Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência. (...) Ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exploração a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas. Embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos. (SONTAG, 2004; pp. 16-17).

Podemos acrescentar, ainda, além do argumento da subjetividade do fotógrafo na codificação de uma cena em imagem fotográfica, que o aparelho utilizado também influi na qualidade da imagem, nas possibilidades de enquadramento e registro de um determinado cenário. Desse modo, considerando esses fatores, rompe-se com o entendimento inocente de que a fotografia reflete a realidade ou traz uma verdade. Tanto o olhar do fotógrafo no instante do clique ou a escolha para exposição depois da revelação e publicação são elementos a serem levados em consideração na análise desse registro como fonte. Washington Drummond, em sua tese de doutorado, em que analisa o percurso fotográfico de Pierre Verger e a codificação de uma imagem da cidade de Salvador, nos apresenta o processo de seleção das fotografias para compor os álbuns da cidade que foram publicados em livro pelo fotógrafo francês. Verger tinha a preocupação de escolher a dedo as fotografias e sua ordenação (sequência) no interior dos livros, inclusive tomando cuidado quanto a possíveis modificações em edições posteriores das obras. Inquietação que correspondia à imagem de cidade que o fotógrafo buscava construir, evidenciando o espetáculo das ruas soteropolitanas entre os anos 1940 e 1950 (DRUMMOND, 2009).

Como mencionado acima, o aparelho empregado pelo fotógrafo também determina a configuração da imagem. A situação citada por Giorgio Agamben no texto “*O dia do juízo*” da famosa fotografia de Louis Daguerre, do *Boulevard du Temple* em Paris

(1839), que capturou a imagem de um homem, pode ser utilizada para exemplificar como o aparelho determina o registro de uma cena em imagem fotográfica (AGAMBEN, 2007, pp. 27-30). A cena em questão só foi possível porque o homem que aparece na imagem estava parado. As máquinas da época não conseguiam registrar pessoas e objetos em movimento. Por conta do tempo de exposição para o registro e fixação da cena não era possível fotografar pessoas e coisas em movimento. No caso de registro de ambientes urbanos, as pessoas geralmente desapareciam. Nos estúdios fotográficos foram desenvolvidos diversos mecanismos para deixar os indivíduos parados para serem fotografados. O que queremos deixar claro é que o equipamento empregado pelo fotógrafo, produto da tecnologia de uma época, influía na configuração da imagem fotográfica. A respeito do aparelho, Osmar Micucci empregou, nesse período, câmeras “com negativos de formato 6x6cm, sendo alguns outros 6x9cm e também 4x4cm” (OLIVEIRA, 2007, p. 52). Filmes utilizados em modelos de câmeras modernas, de características diminutas e leves, que facilitavam o descolamento e a captura de cenas em movimento.

Desse modo, ainda citando Susan Sontag, considerava a autora que as fotografias, assim como as artes plásticas e a imprensa, são interpretações do mundo. “Enquanto uma pintura ou uma descrição em prosa jamais podem ser outra coisa que não uma interpretação seletiva, pode-se tratar uma foto como uma transparência estritamente seletiva” (SONTAG, 2004, p. 16). Logo, passível de manipulação e ficção, como os textos. “As fotos, que brincam com a escala do mundo, são também reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas, adulteradas” (SONTAG, 2004, p. 15). No entanto, seguindo o argumento da citada estudiosa da fotografia, mesmo sendo manipulável, distorcida e recortada, a fotografia mostra algo que existe ou existiu – as fotografias fornecem um testemunho. “Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem” (SONTAG, 2004, p. 16).

Pontuado este aspecto da imagem, vejamos o que podemos extrair como indício do processo de modernização urbana em estudo na fotografia de Osmar Micucci. Nela, sobressaiu a visão da dimensão da avenida e o alinhamento. A linha reta demarcava uma nova gramática urbana para a cidade. Por um lado, o cais em

construção, os canteiros com as árvores plantadas, seguindo o traçado alinhado, do outro lado, as residências em construção, os postes de energia elétrica e o meio-fio de paralelo, do mesmo modo. Em outras palavras, a nova via assinalava a emergência de uma configuração e paisagem urbana, ditadas pelo traçado geométrico e pelo emprego de determinados materiais – predominava o reto, o uso de pedras, de tijolos de alvenaria, do cimento e do concreto. As novas casas construídas seguiam, assim, todas alinhadas, de acordo com a disposição circunscrita pela avenida. Além disso, utilizavam materiais como a alvenaria e o já mencionado cimento, itens que não deixavam de demarcar, por sua vez, uma maneira de distinção social das edificações à margem da avenida. No conjunto das residências em construção, não identificamos blocos de adobe, material de barro pisado, artefato comum na construção de habitações populares. Aliás, materiais que possivelmente seriam interditos pela legislação sanitária vigente e que se buscava cumprir à risca nesses anos. Dessa forma, sobre as obras em torno da avenida prevaleciam os preceitos urbanísticos modernos, junto com as exigências desses novos materiais nas edificações.

Além da exigência desses materiais para as edificações urbanas, que garantiam uma padronização das construções de acordo com as normas sanitárias e urbanísticas, alguns indícios nos sugerem informações acerca do perfil dos adquirentes dos terrenos para a construção de edificações a margem da avenida. A começar pelo jornal *Vanguarda* que, em 1956, transferiu suas oficinas e direção para a nova via, o qual, assim, comunicava nas suas páginas, ao público leitor:

A Direção de 'Vanguarda' avisa aos seus fregueses e ao público em geral que transferiu as oficinas gráficas e a redação dêste (sic) semanário para a Av. Dr. Orlando Pires (Av. Beira-Rio), onde se encontra, desde o dia 27 de agosto (sic), a disposição de todos.<sup>23</sup>

Em 1957, a Câmara Municipal autorizava o prefeito a doar uma área do terreno do loteamento à margem da Avenida Orlando Oliveira Pires para a Loja Maçônica Fraternidade Jacobinense. O terreno doado compreendia uma área de 737,73 m<sup>2</sup>, sendo designada de acordo com o texto da lei de doação para a edificação de um

---

<sup>23</sup> O periódico antes tinha sua redação e oficina tipográfica funcionando na Praça Rui Barbosa. Cf. *Vanguarda*, 22/05/1955. Nº 293, p. 2. Nota sobre a transferência, conferir a seguinte edição: *Vanguarda*, 01/9/1956. Nº 359, p. 4; *Tem Livros a Encadernar?* - *Vanguarda*, 27/07/1957, Nº 402, p. 3.

prédio no qual funcionaria uma escola que a citada instituição mantinha, privilegiando-a ainda com a isenção do pagamento de aforamento. No entanto, mantinha a exigência da construção ser feita dentro do prazo estipulado de licenciamento para as construções urbanas.<sup>24</sup> No ano seguinte (1958), foi doado outro terreno no trecho da Avenida, este, por sua vez, foi oferecido à Sociedade Filarmônica 2 de Janeiro para a construção de uma nova sede do clube social. Um terreno de dimensão bastante extensa, com 3.868 metros quadrados, também isento de pagamento das taxas de aforamento.<sup>25</sup> Em 1959, o prédio escolar era inaugurado, sendo definido pelo *Vanguarda* como uma edificação de arquitetura moderna.<sup>26</sup>

À margem da nova avenida, edificava-se uma instituição escolar e a nova sede de um prestigiado clube social, que tinha frequentadores selecionados, no caso, os associados. A Sociedade Filarmônica 2 de Janeiro foi fundada em 1878, como o próprio nome diz, funcionava como filarmônica. Segundo Vanicléia Silva Santos, a partir da década 1930 passou a estruturar-se como clube social, funcionando como espaço de lazer e de distinção das famílias abastadas da cidade. A primeira sede própria do clube, construída em 1936, localizava-se na Praça Rio Branco, no centro da cidade (SANTOS, 2001). Neste período de recorte da pesquisa, acompanhados os textos e publicidades do jornal *Vanguarda*, identifique-se que nas dependências desse clube social realizavam-se anualmente festas de final de ano, de carnaval, festejos juninos, bailes animados ao som de bandas de Jazz, concursos de *Miss Micareta* e de *Miss Jacobina*. Nos termos utilizados num anúncio do *Vanguarda*<sup>27</sup> acerca da festa de Micareta de 1956 a ser realizada na citada instituição, esperava-se “seus associados, dignas famílias e pessoas gradas.”

No texto da lei de doação do terreno para a Sociedade Filarmônica 2 de Janeiro, era citado que este limitava-se com os lotes pertencentes aos cidadãos Anibal Macêdo e Petrônio Fachinetti. No jornal *Vanguarda* foi publicado o edital em que o senhor Petrônio Fachinetti manifestava o interesse em adquirir um terreno no loteamento à

---

<sup>24</sup> Lei Nº 89-57 de 5 de junho de 1957. Autoriza o Poder Executivo a doar uma área de terra à Loja Maçônica Fraternidade Jacobinense. Livros de Registro de Leis de 1955 a 1967, pp. 23 e 24. APMJ.

<sup>25</sup> Lei Nº 115-58 de 4 de junho de 1958. Autoriza a Prefeitura Municipal a doar uma área de terra à Sociedade Filarmônica “2 de Janeiro”. Livros de Registro de Leis de 1955 a 1967, p. 34. APMJ.

<sup>26</sup> Inaugurado o Prédio Escolar “Fraternidade Jacobinense” - *Vanguarda*, 15/08/1959. Nº 490, p. 1.

<sup>27</sup> SOCIEDADE FILARMÔNICA “2 DE JANEIRO” - A Postos Foliões Para a Grande Micareta de 1956! - *Vanguarda*, 07/04/1958. Nº 338, p. 4.

margem da Avenida Orlando Oliveira Pires (lote 14, quadra A); ele ofertou o valor de Cr\$ 2.281,20 (cruzeiros) para o primeiro foro, a razão de Cr\$ 10,00 por metro quadrado.<sup>28</sup> Petrônio Facchinetti era empresário, trabalhando como comerciante em Jacobina. Em 1958 veio a inaugurar uma sala de cinema na cidade, o Cine Trianon.<sup>29</sup> Nos anos de 1960, construiu e colocou em funcionamento uma rinha de galo e uma casa de prostituição de luxo na cidade, conhecida por Galeão.<sup>30</sup>

Em 1962, o fotógrafo Tibor Jablonsky, a serviço dos trabalhos de pesquisa de campo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrou diversos aspectos urbanísticos, arquitetônicos e culturais da cidade. O objetivo das imagens era servir de registro das excursões e ilustrar os artigos publicados na Revista Brasileira de Geografia, pois fazia parte da metodologia da pesquisa do órgão federal o registro imagético do espaço pesquisado (ABRANTES, 2013, pp. 289-306). As fotografias de Tibor Jablonsky registraram aspectos da arquitetura (igrejas, casarões, estação ferroviária) e do urbanismo (ruas e praças), bem como o elemento humano, documentado num conjunto de fotografias da feira livre. Em suma, as imagens de Tibor Jablonsky sobre a cidade, que estão disponíveis no *site* da biblioteca do IBGE na internet, assumiam uma perspectiva de cunho documentalista, destacando as transformações urbanas e certos costumes da população de Jacobina; serviam enquanto fonte de informação do campo de pesquisa e para ilustrar as publicações da instituição que estava a serviço. Na mesma perspectiva da fotografia anterior de Osmar Micucci, Tibor Jablonsky, clicou o trecho da avenida já construída. Observemos:

---

<sup>28</sup> Edital N.102 - Vanguarda, 01/09/1956. Nº 359, p. 3.

<sup>29</sup> A Inauguração do Cine "Trianon" - Vanguarda, 26/07/ 1958. Nº 454, p. 01.

<sup>30</sup> Para uma breve trajetória de Petrônio Fachinetti em Jacobina nesses anos vê: BATISTA, Ricardo dos Santos. 2010, pp. 100-109.



**Figura 4** - Avenida Orlando Oliveira Pires em 1962.



Fonte: Fotografia de Tibor Jablonsky. Acervo: Arquivo Fotográfico Ilustrativo dos Trabalhos Geográficos de Campo – IBGE. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/BA12322.jpg>>

O registro fotográfico do funcionário do IBGE evidenciava também a dimensão da obra, a largura e extensão. O ângulo da imagem apresentava uma visão monumental da avenida. Como assinalamos, as fotografias, mesmo como interpretações do mundo, construções subjetivas dos fotógrafos, que definem ângulos e temáticas, podem nos apresentar o indício material do que foi registrado (SONTAG, 2004, p. 16).<sup>31</sup> Interessa-nos, aqui, destacar os aspectos urbanísticos e as formas arquitetônicas que passaram a configurar na nova paisagem urbana emergente na cidade. A larga avenida apresentava-se, assim, constituída, de pavimentação a paralelo, com postes de eletricidade, possivelmente para ligação privada e iluminação pública, com árvores frondosas ao longo do trajeto e proteção do cais, ao longo do qual foi construída uma calçada. Quanto ao perfil das residências construídas à margem da avenida, nota-se que as fachadas e a configuração arquitetônica dos imóveis apresentavam os mesmos padrões de edificação, as casas com varandas,

<sup>31</sup> Roland Barthes, no livro *a Câmera Clara*, também chama atenção para esse aspecto peculiar da fotografia, para o autor, o referente adere a sua representação, faz parte dela. “Diríamos que a Fotografia sempre traz consigo seu referente, ambos atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento: estão colados um ao outro, membro por membro, como condenado acorrentado a um cadáver em certos suplícios” (p. 15). Cf. BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

jardins na frente e uma amurada, demarcando a propriedade privada. Inaugurava-se um novo aspecto configurativo de desenho e fachada de residências na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da avenida, logo denominada, como já foi dito, Orlando Oliveira Pires, expressava de maneira condensada a vontade da transformação dos espaços urbanos pelo grupo gestor da cidade. Como se percebe na fotografia de Jablonsky, a construção da artéria urbana, seguindo o traçado geométrico da linha reta, cumpria os preceitos funcionais do urbanismo, de circulação, de higiene, com as árvores à margem (ar limpo), e lazer, com passeio à margem do cais. Sem desprezar o estético, o conjugado da obra embelezou essa parte da cidade. De tal modo, o novo logradouro configurava-se numa espécie de vitrine da cidade, cujo aspecto devia ser limpo, higiênico, inodoro, iluminado e aprazível. No entanto, a obra emblemática da gestão do prefeito Orlando Oliveira Pires demarcava, por sua vez, um novo espaço urbano privilegiado, para moradia na cidade, caracterizado pelo conjunto de melhorias urbanas acima apontadas.

O historiador Carl Schorske considerou, acerca da remodelação da cidade de Viena, com a construção da *Ringstrasse* e um conjunto de edificações em seu trajeto, “em si mesmo como expressão visual dos valores de uma classe social” (SCHORSKE, Carl E. 1988, p. 44). Referia-se à ascensão dos segmentos burgueses e liberais na segunda metade do século XIX. A assertiva desse historiador fundamentou-se na perspectiva de que a transformação dos espaços urbanos nas formas e estilos expressava os valores e a cultura dos novos segmentos sociais emergentes, que buscaram moldar as formas urbanas e a vida na cidade à sua imagem e semelhança. As mudanças do traçado urbano obedecendo aos princípios de funcionalidade subordinaram-se à “função simbólica de representação” (SCHORSKE, 1988, p. 45).

Nesse sentido, como considerou Carl Schorske, o próprio urbanismo assumia um caráter de representação. A modernização do traçado urbano com a edificação da larga Avenida Orlando Oliveira Pires funcionava não apenas para atender a funcionalidade, talvez, nem tanto imperante, se considerarmos que não havia naquela

cidade pequena um movimento intenso de veículos, pessoas e mercadorias, mas exercia uma função simbólica. Por um lado, a projeção sobre a forma urbana de uma imagem do gestor e do grupo político que o apoiava, questão que se desdobrava com a associação do nome do gestor ao logradouro, designado ainda durante a fase de construção (1955). Por outro, como desejava-se inscrever Jacobina como um centro urbano adiantado, uma cidade “civilizada”, “moderna”, no caminho do “progresso”, a larga via com prédios modernos à sua margem preenchia essa pretensão e desejo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Vera Lúcia Cortes. *Imagens produzidas pelo fotógrafo Tibor Jablonsky: suportes materiais na construção da memória do trabalho no Brasil (1950-1968)*. Anais: ‘Usos do Passado’ — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Vera%20Lucia%20Cortes%20Abrantes.pdf>.

\_\_\_\_\_. O arquivo fotográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e o olhar de Tibor Jablonszky sobre o trabalho feminino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20,n.1,jan.-mar.2013, pp. 289-306. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n1/15.pdf>

AGRA DO Ó, Alarcon. *Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de Cidades – Campina Grande* (1959). Campina Grande. EDUEFCG, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. O dia do juízo. In: *Profanações*. Tradução: Selvino José Assmann. São Paulo. Boitempo, 2007, pp. 27-30.

BARTHES, Roland. *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BATISTA, Ricardo dos Santos. *Lues Venerea e as Roseiras Decaídas: biopoder e convenção de gênero e Sexualidade em Jacobina-Ba (1930-1960)*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA Salvador, 2010. (Dissertação de Mestrado).

BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas. Vol. I), pp. 91-107.

\_\_\_\_\_. Paris, a capital do século XIX. In: *Passagens*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, pp. 53-65.

BENCHIMOL, Jaime Larry. A modernização do Rio de Janeiro. In: *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. (Org:) DEL BRENNNA, Giovanna Rosso, Rio de Janeiro. Index, 1985, pp. 599-611.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos Blume. “Imagens da cidade: memória da modernidade no sertão. Jacobina, BA, 1920-1950”. In: *Culturas Urbanas Bahia: estudos sobre Jacobina e região*. Salvador, Eduneb, 2009, pp. 15-30.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Garlhado. 2ª. Ed. DIFEL. 1988.

\_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre. Ed. Universidade – UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Tradução: Ephaim Ferreira Alves. 3ª edição. Petrópolis. Vozes, 1998.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidade, uma antologia*. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. *A natureza urbanizada, a invenção dos “espaços verdes”*. Tradução: Eveline Bouteiller Kavakama. *Projeto História*, São Paulo, (18), maio. 1999, pp. 103-106.

CRUZ, Heloísa de F; PEIXOTO, Maria do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo: PUC-SP. nº 35, julho/dezembro, 2007, pp. 253-270.

DRUMMOND, Washington Luís Lima. *Pierre Verger: Retratos da Bahia e Centro Histórico de Salvador (1946 a 1952)* – uma cidade surrealista nos trópicos. Faculdade de Arquitetura – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UFBA, Salvador, 2009. (Tese de Doutorado).

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

FILHO, Severino Cabral. *A cidade revelada: Campina Grande em imagens*. Campina Grande. EDUFCEG, 2009.

JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo, garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFBA, Salvador, 2005. (Mestrado em História Social).

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ática, 1989.

LEMOS, Araújo Doracy. *Jacobina sua história e sua gente*. Feira de Santana. Grafart. 1995.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meios dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. Carla Bassanezi Pinsky. (Org:). 3. ed. São Paulo. Contexto, 2011, pp. 111-153.

MENEZES, Adriano; OLIVEIRA, Valter de. *Culturas urbanas na Bahia: estudos sobre Jacobina e região*. Salvador. Eduneb, 2009.

MONDENARD, Anne de. A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918. Tradução: Eveline Bouteiller Kavarama. In: *Revista Projeto História*. PUC. SP. N., pp. 107-113.

Oliveira, Valter Gomes Santos de. *Revelando a cidade: Imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci*. (Jacobina 1955-1963). Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2007.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – 1890-1930*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1985.

RONILK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1999.

SANTOS, Vanicléia Silva. *Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina - Ba (1920-1950)*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2001. (Dissertação de Mestrado).

SENNET, Richard. *A Carne e a pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução: Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro. BestBolso, 2008, pp. 261-288.

SHORSKE, Carl. A Ringstrasse, seus críticos e o nascimento do modernismo moderno. In: *Viena fin-de-siécle: política e cultura*. Tradução: Denise Botmann. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, São Paulo. Companhia das Letras, 1988, pp. 43-124.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos de. *Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.23, n° 46, 2006, pp. 61-92.

Recebido em 25 de janeiro de 2016.  
Aceito em 24 de abril de 2016.